

## CARTA DO BEM VIVER

### I CARAVANA AGROECOLÓGICA DO OESTE DO PARÁ

A região Oeste do Pará continua no centro do avanço do agronegócio na Amazônia, que devasta as florestas, dizima formas de vida, polui as águas, impactando aldeias indígenas, territórios quilombolas, assentamentos rurais, reservas extrativistas, trazendo a morte e a desesperança. Muitos são os problemas a se enfrentar no território com a instalação de grandes obras de infraestrutura, para alimentar grandes empresas e escoar a produção de monoculturas e bois do agronegócio, como a hidrelétrica de Belo Monte no rio Xingu, portos no rio Tapajós, bem como grandes mineradoras e madeireiras ilegais, que estão se implantando na região sem a devida discussão pública e, inclusive, com violação de direitos constitucionais, como a não realização de consulta prévia, livre e informada aos povos indígenas e comunidades tradicionais. Trata-se de um modelo de desenvolvimento para região que vem sendo imposto pelo poder central do país e pelo capital financeiro globalizado, ignorando, assim, o direito das populações locais de decidir suas próprias formas de desenvolver a região. Como resultado, a região sofre com o auge do desmatamento e crescimento vertiginoso da violência contra lideranças comunitárias, contra as mulheres e no meio urbano, além da divisão dos movimentos sociais que gera o enfraquecimento das lutas pelo bem comum, pela diminuição da desigualdade socioeconômica, pelo respeito à diversidade social, cultural e ambiental.

Neste contexto, a **I CARAVANA AGROECOLÓGICA DO OESTE DO PARÁ** percorreu, entre os dias 29 de janeiro e 02 de fevereiro de 2018, 350 km entre as rodovias Transamazônica e BR 163, nos municípios de Altamira, Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Placas e Rurópolis, envolvendo 150 pessoas da região, visitando iniciativas coletivas, apoiadas pelo Fundo Dema, de recuperação de áreas desmatadas, de matas ciliares, de promoção da segurança alimentar e nutricional com produção de alimentos agroecológicos e saudáveis, diversificação dos cultivos, implantação de agroindústrias comunitárias de processamento de frutas, acesso ao mercado local e promoção da saúde integral.

Essas iniciativas são desenvolvidas por grupos de agricultores/as familiares, agroextrativistas, povos indígenas, comunidades quilombolas, grupos de mulheres, pastorais sociais, jovens de Casas Familiares Rurais, socioambientalistas e comunicadores/as populares. Apesar das dificuldades enfrentadas (como infraestrutura precária, carência de assistência técnica, falta de apoio do poder público, inadequação das modalidades de financiamento, obstáculos para regularização fiscal e sanitária etc.), tais iniciativas agroecológicas alimentam a resistência das organizações dessas regiões, que se expressam nos depoimentos abaixo:

*“Eu me sinto fazendo o dever de casa, a natureza nos ensina, eles querem derrubar as matas para o cacau se recompor, mas o cacau sozinho não compõe uma floresta” (Pedro Lima, km 80, Medicilândia, iniciativa de roça de cacau nativo agroecológico).*

*“Hoje as crianças das escolas de Uruará não consomem mais refrigerante, nem ki-suco. Hoje elas só consomem suco de polpas de frutas” (Shirleyd Santos, projeto de beneficiamento de polpas de frutas, da Associação Dom Oscar Romero/AMDOR, em Uruará)*

*“As pessoas vêm para cá muito doentes. As doenças vêm do contato direto com o agrotóxico e da alimentação envenenada. Trabalhamos com terapia integrativa, com bioenergia, homeopatia para a saúde das pessoas, dos animais, do solo e da água, e com a Agroecologia” (irmã Marialva Costa, projeto de desenvolvimento da saúde integral com práticas agroecológicas de controle de pragas e descontaminação do solo e da água, da Comissão Verbita de Justiça e Paz, em Placas).*

*“Não aceitamos mais nada de fora, não precisamos. O que costumamos chamar de grandes projetos capitalistas não são grandes. Grande é o povo do Xingu!!” (Antônia Melo, do Movimento Xingu Vivo Para Sempre, em Altamira).*

As experiências vividas e as rodas de conversas realizadas durante a Caravana reafirmaram o Fundo Dema como importante canal de troca de experiências e de fortalecimento mútuo das inúmeras organizações do movimento agroecológico do Oeste do Pará, contribuindo com as várias estratégias de resistências popular aos desafios enfrentados na região. Diante do que foi vivenciado durante o percurso da **I CARAVANA AGROECOLÓGICA DO OESTE DO PARÁ**, a comitiva afirma que:

- A defesa da Reforma Agrária, da demarcação de terras indígenas, dos direitos territoriais de comunidades quilombolas, povos e comunidades tradicionais e agricultores familiares, deve ser central nas estratégias de promoção da agroecologia;
- As mulheres são as guardiãs das sementes, do saber popular, da biodiversidade e promovem a agroecologia no Oeste do Pará de forma protagonista. Elas têm ainda um papel preponderante na promoção da alimentação saudável e no manejo das plantas medicinais e manipulação da homeopatia, a partir da valorização da biodiversidade;
- É necessário que estas iniciativas agroecológicas fortaleçam a luta de combate ao crescimento da violência contra a mulher na região. É importante afirmar que a violência contra a mulher destrói a agroecologia!
- É necessário fortalecer a construção de estratégias territoriais, para a construção social de mercados, principalmente locais e institucionais, com organização da produção e construção de relação com os consumidores;
- As Casas Familiares Rurais (CFRs) são espaços fundamentais de incentivo ao envolvimento da juventude nas iniciativas agroecológicas, mas carecem de apoios, por parte do Governo do Estado do Pará e das prefeituras municipais;

- É necessário ampliar o acesso das iniciativas agroecológicas da Amazônia às políticas públicas e políticas de financiamento que sejam estruturantes;
- As iniciativas agroecológicas do Oeste do Pará precisam se fortalecer para romper com o seu isolamento e serem visibilizadas, no âmbito regional e nacional. Para tal, se mostrou fundamental o papel de sindicatos, pastorais, movimentos de mulheres, organizações sociais locais, articuladas em rede na construção de estratégias territoriais de Agroecologia;
- É fundamental fortalecer a **Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida**, tendo em vista a expansão crescente do uso de agrotóxico na região, com fortes impactos na saúde e no meio-ambiente, provocados, principalmente, pelo monocultivo da soja e na ‘limpeza’ dos plantios com os herbicidas;
- É necessário lutar pela democratização da comunicação e fortalecimento da comunicação popular para promover a articulação de coletivos e redes de meios comunitários em defesa do território, da agroecologia e da justiça social, cultural, ambiental e econômica na Amazônia;
- O reconhecimento do direito das populações de decidir sobre o projeto de desenvolvimento para a região, centrado no respeito ao ser humano e ao ecossistema que possibilita a vida para todos os seres e não no lucro das empresas e do capital financeiro, precisa ser garantido.

Como parte do processo de preparação do **IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA)**, que será realizado em Belo Horizonte, no período de 31 de maio a 3 de junho de 2018, e do **IV Encontro Regional de Agroecologia da Amazônia**, a ser realizado pela **Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)**, no período de 3 a 6 de abril de 2018, no Nordeste do Pará (regiões do Baixo Tocantins e metropolitana de Belém), os aprendizados da **I CARAVANA AGROECOLÓGICA DO OESTE DO PARÁ** são contribuições das organizações da região para a sua construção. Com o lema **‘AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA: UNINDO CAMPO E CIDADE’**, o IV ENA tem o objetivo de evidenciar a **ação dos sujeitos políticos que praticam a Agroecologia** como uma proposta de sociedade, ambiental, social, cultural e economicamente justa, com o **protagonismo das mulheres, das juventudes, dos povos das florestas, das águas, dos campos e das cidades** e aprofundar a **conexão cidade e campo**, ou seja, olhar para a cidade como território, conhecer o que significa Agroecologia “da” e “na” cidade, e resignificar o direito à cidade.